

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

O CASTELO DE FARIA

(1373)

II

(Por A. Herculano)

(Transcrição)

(Continuado do n.º 49)

Reinava entre nós D. Fernando. Este príncipe, que tanto degerava de seus antepassados em valor e prudência, fôra obrigado a fazer a paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do estado.

A condição principal, com que se pôz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castela; mas brevemente, a guerra se acendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Teles, sem lhe impontar o contracto de que dependia o repouso de seus vassallos, a recebeu por mulher, com afronta da princeza castelhana.

Resolveu-se o pai a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos.

Entrou em Portugal com um exercito e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha veio sobre Lisboa e cercou-a.

Não sendo o nosso propósito narrar os successos d'este sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adeantado da Galiza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela provincia de Entre Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, enquanto a maior parte do pequeno exercito portuguez trabalhava inutilmente ou por defender ou por cercar Lisboa.

Prendendo, matando e saquando, veio o Adeantado até ás immedições de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo, aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar.

Foi terrivel o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portuguezes, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do Castelo de Faria Nuno Gonçalves.

Saira este com alguns soldados para socorrer o Conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça.

Captivo o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos.

Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crêr que, vendo o pai em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam.

Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves.

Pediu ao Adeantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros de castello; porque ele, com suas exortações, fazia com que o filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom Alcaide Nuno Gonçalves.

O Adeantado da Galiza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita capitaneada por João Rodrigues de Viadma, estendencia, rodeando os muros pelo outro lado.

O exercito victorioso ia tomar posse de Castello de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacau alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas.

Os seus habitantes, apenas, enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acoller-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cêrca exterior ou barbacau.

Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente a campanha, e os almocadeus corriam com a rolda (1) pelas quadrelas do muro e subiam aos cubelos colocados nos angulos das muralhas.

Continua

Fra Casil.

(1) Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

APONTAMENTOS PARA A

HISORIA DE BARCELOS

II

Ruas e Largos antigos

(Por A. Ferraz)

(Continuação do numero 49).

Além destes mercados, havia também o do Peixe, fóra da Porta Nova e em frente da torre que hoje serve de cadeia, n'uma alpendrada para esse fim construída.

O mercado do Apoio foi depois removido para fóra da Porta do Vale, para o pequeno terreiro que ficava entre a Rua do Paço e a do Ferreiro, e mais tarde para o Largo da Porta Nova, por virtude da abertura da estrada de Viana em 1860.

Em 1866 foram reunidos na actual Praça D. Pedro V.

A Rua da Misericórdia, primitivamente chamada de Santa Maria, pela sua proximidade da colegiada, que até 1464 se denominou igreja de Santa Maria Maior, era uma das ruas mais transitadas de Barcelos, já por estabelecer comunicação entre os dois mercados — o do Terreiro da Praça e o do Apoio — e já também por ficar nessa rua o hospital da Misericórdia, que occupava quási todo o seu lado oriental.

Este hospital existia desde tempos memoriaes, e a Irmandade da Misericórdia foi n'ele instituída pelos anos de 1518, por ordem de el-rei D. Manuel, que lhe annexou todos os bens da antiga Gafaria ou hospital de lazarus, sito no lugar da Ordem, por provisão sua de 12 de Maio de 1520.

Importante era também a estreita Rua dos Açougues, que ia da Praça do Apoio até à antiga Rua do Ferreiro, onde ficavam os açougues publicos em edificio apropriado e ha poucos anos demolido.

E dissemos açougues publicos, porque havia também um particular, que, desde 1755, pertencia à Irmandade dos Clerigos, n'um pequeno alpendre encostado ao muro da vila, na antiga Rua da Nogueira de Cima.

Mais notavel ainda era a velha Rua dos Mercadores, que ia da Rua Direita à Praça do Apoio, e onde, como o seu nome está indicando, se fazia todo o commercio de panos, que devia ser importante.

E finalmente, a Rua dos Judeus ou Judiaria, successivamente denominada Rua Nova, dos Alanterneiros e hoje do Infante D. Henrique, que era, indubitavelmente, pela sua numerosa população, movimento industrial e commercial, a rua mais agitada de toda a vila.

Ou ella não fóra bairro habitado exclusivamente por judeus que em Barcelos constituíam uma das principais comunas judaicas, do país.

Esta rua era fechada por duas cancelas nas suas extremidades.

Para opôr uma barreira à difusão da raça e religião judaicas, as leis portuguezas obrigavam os judeus a viver apartados nas suas judearias, d'onde não podiam sair de noite, sob pena de prisão e de perda de todos os seus bens.

A liberdade de andar por fóra terminava com o toque do sino d'oraçom (Avé-Marias).

Pouco depois fecharam-se as portas da vila.

E só em casos muito extraordinários, especificados nas leis é que lhes era permitido sair de noite do seu bairro, mas sempre acompanhados de *candeia* e *homem cristão*, enquanto andassem pela vila.

As mulheres cristãs, essas, só podiam entrar nas judearias, mesmo de dia, quando acompanhadas *continuadamente de um homem cristão e barbado* (1), sobe pena de multa e até de açoites, dados publicamente, quando reincidentes.

Também não era permitido aos judeus terem ao seu serviço qualquer individuo cristão.

De manhã, logo ao nascer do sol, uma vez abertas as portas do carcere, a turbamulta dos judeus saía a exercor as suas variadissimas profissões.

Os velhos ou movos validos percorriam as ruas da vila, vendendo frutas, leite, mel, manteiga, queijo, panos, especiarias, etc.

Outros—os mais vigorosos—caminhavam para as aldeias e



O Evangelho

Por haver pessoas que confiavam em si mesmas e desprezavam os outros, disse Jesus esta parábola: «Subiram dois homens ao templo a fazer oração: um farizeu e um publicano. O farizeu, posto em pé, reza assim no seu interior. «Graças vos dou, meu Deus, porque não sou como os demais homens, uns ladrões, uns adúlteros como é também este publicano; jejuo duas vezes na semana, pago dízimo de tudo o que peesuo». O publicano, porém, estando lá de longe, não ousava sequer levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: «Meu Deus, tende compaixão de mim». Digo-vos na verdade que este voltou justificado para casa, e o outro não; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.»

O conhecimento próprio

Graças vos dou, meu Deus, porque não sou como os outros homens, uns ladrões... Meu Deus, tende compaixão de mim... Na parábola com todos os visos de verdadeira história que nos oferece o Evangelho de hoje, cristãos, se encontram dois tipos de homens diametralmente opostos entre si em ordem ao conhecimento próprio: um fariseu, soberbo, e um publicano, humilde e compungido.

Um e outro pareciam conhecer-se bem a si mesmo, pois consideravam as suas próprias obras e haviam entrado no templo para orar e louvar a Deus; na realidade; porém, o primeiro era um iludido, que não se conhecia a si mesmo, mas que vivia muito enganado; e o segundo conhecia-se de veras e humilhava-se, estando muito desenganado do mundo.

Vamos estudar em breves momentos os dois tipos aludidos, para ver a qual deles pertencemos ou temos de seguir. Temos de reconhecer no fariseu o tipo dos iludidos, a respeito do conhecimento próprio, e no publicano o tipo dos desenganados e que verdadeiramente se conhecem.

Não é pequeno estudo o do conhecimento próprio, pois diz Santo Agostinho que «não há melhor ciência do que aquela pela qual o homem se conhece a si mesmo» e que «este conhecimento deve preferir-se ao do curso das estrelas e de todo o mundo.» Porém não se trata dum conhecimento filosófico ou especulativo, mas prático, e que nos determine a buscar o que nos falta e a evitar o que nos prejudica.

Para isso, estudemos os dois tipos que hoje nos apresenta o Evangelho.

I.— O fariseu parecia ter bastante conhecimento próprio, sempre que examinava as suas obras e aparentava agradecer-las como vindas do auxílio de Deus; mas na verdade conhecia-se mal e era um iludido, como os há no mundo aos milhares. Sabeis porquê?

1.—Pela comparação odiosa.

Comparava-se com os outros, e especialmente com os piores, e assim se julgava superior a todos. Dizia na sua paródia de oração: *Graças vos dou, meu Deus, porque não sou como os demais homens, uns ladrões, uns injustos...*, nem sou como este publicano.

Esta é a origem da ilusão de que muitos padecem em ordem ao conhecimento próprio: comparam-se com os piores, e assim se encontram sempre perfeitos e santos. É frequente ouvir, até a pessoas más e irreligiosas, a eterna desculpa: «Eu não mato nem roubo; não preciso de confessar-me nem ar-

repender-me; se todos fossem como eu...» Como se todos os mandamentos se reduzissem a não matar nem roubar! Se todos fossem como tu, quem quer que és, seguir-se-ia que todos seriam iguais, mas não bons. Se te comparasses com os santos, verias que te falta muito para cumprir os teus deveres de cristão, longe do caminho da salvação eterna.

Como cumpres os teus deveres para com Deus? Como santificas os domingos? Como educas cristãmente a família? Como te vences e mortificas em teus gostos depravados? Como exerces a caridade com o próximo?

Escuta agora o que diz Jesus Cristo: *Depois de fazerdes tudo o que vos é mandado, haveis de dizer: somos servos inúteis.* (Luc., XVII, 10).

2.— Pela apreciação exterior.

O fariseu apreciava sómente as suas obras exteriores: rezas, jejuns, dizimos que pagava. E não advertia que a virtude é bem mais interior que exterior, e que não consiste tanto nas obras que se fazem como no modo de as fazer.

Fez mais e foi mais louvada por Jesus Cristo uma pobre viuva que deitou dez centavos de esmola no templo, que os ricos e potentados de Jerusalem depositando muitas peças de ouro e prata (Luc., XXI, 1, 4).

Fixa-se o hipócrita nas obras exteriores, porque brilham aos olhos dos demais; mas o verdadeiro servo de Deus, amante da sua lei, olha para dentro e tende sempre a ocultar as suas obras de tal forma que não saiba a mão esquerda o que faz a direita, conforme a recomendação de Jesus Cristo (Mat., VI, 3).

Mas esta doutrina não a entendem os soberbos do mundo, imitadores dos farizeus; de aqui vem que haja tantos iludidos e tão poucos que verdadeiramente se conheçam.

3.—Por confiar-se em si próprios.

O fariseu confiava em si mesmo e nas próprias forças, julgava-se infalível e irrepreensível. Por isso é que Jesus Cristo diz que *orava diante de si mesmo*, e afirma que esta casta de gente era uma classe de homens que *presumiam de justos e desprezavam os outros como inferiores em virtude.*

Não há pior conselheiro que o amor próprio desordenado, e sendo este o guia do farizeu, só de aí podia resultar ilusão e falta do verdadeiro conhecimento próprio.

O confiar-se alguém no próprio juízo, e o negar-se o magistério da Igreja, tem sido a causa de todas as heresias e erros que surgiram no povo cristão desde a sua origem, e é por isso que o divino Mestre nos condicionou em primeiro lugar, para nos admitir à sua presença: *Negue-se a si mesmo* (Mat., XVI, 24), renuncie à própria vontade.

II.—Pelo caminho oposto ao do farizeu, o publicano conhecia-se bem, porque se socorria de três princípios ou fontes de desengano, a saber:

1.—A consideração de seus pecados.

Diz o Evangelho que o publicano batia no peito, sem dúvida compungido pela consideração de seus pecados. Este homem acertava no conhecimento próprio, pois de vós temos só o nada e o pecado, e tudo o que possuímos de positivo e bom de Deus vem e a ele pertence.

Quando S. Pedro realizou em nome de Jesus Cristo aquela pesca milagrosa, de que falamos noutro domingo, não se atribuiu a si outra coisa que o pecado, e assim exclamou: *Sou um homem pecador* (Luc., V, 8), dando a Jesus toda a glória.

2.—A comparação só com Deus.

Não se atraveu a comparar-se com pessoa alguma, nem com o farizeu que o desprezava; mas, humilhado e confundido na presença de Deus, nem se atrevia a levantar os olhos com vergonha, como nos refere o Evangelho.

«Não te compares com ninguém, diz S. Bernardo, porque te enganarás; põe-te na pre-

sença de Deus, e então conhecerás o que és e o que deves ser.»

3.—A confiança em Deus.

Ao contrário do farizeu, que se fiava em si mesmo e confiava nas próprias forças, o publicano só confiava na misericórdia divina, e a ela se encomendava, dizendo: *Meu Deus, tem compaixão de mim que sou pecador!* Acertou assim em conhecer-se a si mesmo e em reconhecer a misericórdia divina, e por isso perdoou-lhe Deus, usando com ele de misericórdia.

O verdadeiramente desenganado e que bem conhece a sua fraqueza, só confia na bondade infinita de Deus, pois sabe que não pode apoiar-se em criatura alguma.

Cristãos: Aí tendes os dois exemplos diametralmente opostos do soberbo farizeu e do humilde e compungido publicano. O primeiro é um iludido, por comparar-se com os piores, pela apreciação exterior das acções, por apoiar-se em si mesmo; falta-lhe a *recta intenção*. O segundo é discreto e prudente, conhece-se bem, porque considera os seus pecados, só se compara com Deus, e nêle, no seu Deus, pôz toda a sua confiança. Fajamos do primeiro e imitemos o segundo, porque *Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes* (Jac., IV).

Calendário da Semana

AGOSTO

- 13 Domingo. Ss. Hipólito e Cassiano, Mm.
- 14 Segunda. S. Eusébio, C.
- 15 Terça. Assunção de N.ª Senhora.
- 16 Quarta. S. Joaquim, Pai de N.ª Senhora.
- 17 Quinta. S. Jacinto, C.
- 18 Sexta. S. Agapito, M.
- 18 Sábado. Puríssimo Coração de Maria.

Um triunfo

França Maiac foi, eleito sócio da Academia Francesa, em circunstâncias, que merecem ser recordadas.

Mariac é hoje o primeiro romancista francês. As suas obras tem merecido mais que a consagração do público, porque têm, há muito, o aplauso e admiração dos criticos. Obra volumosa, rica de arte literaria, constitui uma das mais altas glórias das letras francesas. Mas Maiac é católico e a sua obra é católica.

Maiac não faz arte pela arte, antes põe o estro e as letras ao serviço das grandes verdades da igreja que ele ama e segue, como bom filho. Pois, esse romancista católico propõe, a sua candidatura para o cenáculo dos imultais, a mais alta assembleia intelectual do mundo.

Já alguns outros sábios escritores literatos haviam posto a sua. Outros contavam propôr-se. No dia em que Mariac pôs a sua candidatura, todos os que haviam pôsto a retiraram e os que esperavam pô-la, desistiram de o fazer. Estes factos só por si depõem sobre o valor intelectual e literario do grande católico.

Sirva o notável acontecimento para tantos idiotas que não sabendo soletrar, apregoam a arte e ciencia inimigas da igreja.

NOTA ALEGRE

A menina X... conversando com sua mãe, queria referir-se a uma amiga que acabava de enviar pela terceira vez, mas não se lembrava do nome de dela.

VARIEDADES

É TARDE!

E' tarde, é muito tarde! O fogo santo dos affectos, n'est'alma já não arde! Ai, não venhas, mulher amor pedir-me, é tarde, é muito tarde;

E's bela... mas que importa ao pobre morto a luz do cirio que lhe vela o rosto?... Oh! vai-te... não despontam nunca flores entre os gelos do outono!

E' tarde, é muito tarde. Quanto havia na minha alma de bom, de puro e santo, a descrença o velou, fatal destino em seu álgido manto!

Era alegre e feliz: em tudo cria, no bem, no mal, do amor na luz infinda; porém hoje, ai de mim, só em Deus creio, se n'ele creio ainda...

Bem vêes... é muito tarde! A existência não tem já p'ara mim gosos, nem doçuras! não tem que no peito impera hoje a paz das sepulturas.

Assim, não venhas mais pedir sorrisos à fria estância que não tem alvares; não venhas, não—que esta alma é templo negro sem altares, nem flores!

Pesqueira

Pinto Ferreira.

Mais de mil PP

Para proporcionar pueril passa-tempo a pe-
tizas pachorrentos]

(Continuado do número anterior);

Prolongando-me, ponho papeis pintados pelas paredes, parecendo pomposa pintura pincelada, produzida por pintor profundo, no próprio posto Prosseguido pinto puerlidades, prodigios, pedindo por proposital precaução: *Pagamento previo.*

Prefiro pintar para pechincheiros, por pagarem prontamente, a pintar para pagadores pigros, por precisar persegui-los para pagarem particula por particula, posto que paguem.

—Safa!... Proferiu por fim o passageiro, pensando parlapatia ou patranha pretenciosa de pintores.

—Pensa, porventura, passará por pèta, pedantismo, pura pilheria para parolagem? Posso provar perfeitamente!

—Como se chama?

—Por pseudónimo Pintor dos P P, pro-
venho de pais paupérrimos, porém probos, parente próximo (primo por parte de pai) do provecto e profundo do pintor polotense, primeira palheta de Petolas: Patrício Pires Pereira Peixoto da Purificação Paiva, presente-
mente professor de pintura de patuscos portu-
gueses, protector do poletariado pobre; por-
tanto posso presumir-me perito pintor por pro-
genie; pareço português, posso por paulista e pernambucano, e, pesar próprio, para pri-
masia, procedo de Pelotas.

(Continua no próximo número.)

Um conselho por semana limpeza das luvás brancas

Introduzem-se as luvás n'uma mistura de espirito de vinho e de gemas de ovos, e tiram-se logo para fora. Em seguida fricionam-se muito bem com um pedaço de flanela, até estarem perfeitamente limpas; passam-se por um banho de água pura; e penduram-se ao abrigo do pó e do sol, até que estejam secas.

E' garantido o resultado da operação aconselhada.

Secção charadística CHARADAS EM VERSO

Chegado do Brasil á sua aldeia
—A qual havia deixado ha muitos anos—

Lembrou-se o Aniceto d'um Correia
Que morto tinha sido p'los ciganos.

Que à rua foi chamado após a ceia
E a boca lhe taparam com uns panos,
Disseram-lhe uns jornais pernambucanos,
O que lhe ficou sempre na ideia

Não foi aqui— diz êle ao Zé Rebelo,—2
Que o Braz Correia foi assassinado?
—Foi, sim, "senhor", atraz deste portelo.—3

—E depois p'ra passar por atogado,
A' praia o levar foram do Mindelo?
—Foi assim mesmo... Como está lembrado!...

Lebricho

EM FRASE

Quanto produzi no Brasil, foi auxiliado pela mãe
de Deus.—1—2
Há no Brasil um Estado, um único, que é um céu
aberto.—2—1—1

H. Reis

SINCOPADAS (por sílabas)

4—Do meloeiro provir
Esta especie de melão,
Não sofre coutestação.

Porém da planta bulbosa,
Liliacea bem viçosa,
Não se pode conseguir.—3

H. Raio

3—De fresca certo aparelho.
Afirmou-me um honiem velho:
Dizerem-lhe em Arrifana,
Vender-se em casa africana.—2

Madre Helena

BIFORMES

Diz ser pele o meu vizinho,
Por indígenas usada;
Podendo ser transformada
De criança um sapatinho.—3

L. Heltor

AUMENTATIVA

De carta inferior de oliveira
—Diz o compadre Frágoso:—
Consegue-se sem canceira
Vinho forte e taniscoso.—3

H. Pita

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Quando de bordo do barco
Virmos ao longe o farol
A vila temos á vista
Em antes que nasça o sol.

Miss Iva

ENIGMA

Existe uma mulher só, n'este mundo
Que faz minha cabeça andar á roda;
E o facto de vestir n'ultima moda,
O tôdo seu realça mais jucundo.

Bem sei não ser primeiro nem segundo,
A quem co'a lábia sua bem engoda;
Enxendo-se de mim, inda me apoda
De tolo, perdulário e vagabundo.

A essa "mulher", e tão somente a ela,
Que exerce sobre mim grande influencia,
Eu devo em discussão estar na tela,

A ela, que ao nome haveis carencia,
Importa o se dizer que uma aduela
De menos tenho e falta de prudencia.

Lebricho

ENIGMA TIPOGRAFICO



(Frasede 18 letras)

H. Raio

As decifrações dos trabalhos publicados no número 31, são: Regosijo, Biobio, Amorosa, Polinapona, Chincoca-chinca, Coroca-coca, Chuço-chuços, Amos-soma, Leitor e Intercadentes.

Bôa resposta

Ernesto Sena, o apreciado escritor brasileiro que publicou recentemente as memórias do fundador da República do Brasil, marechal Deodoro da Fonseca, conta nelas o seguinte episódio:

No palácio do Itamarati, um dia, appareceu um sujeito que Deodoro mal conhecia de vista. Trazia um presente. Era um retrato do velho general numa moldura rica.

O homem que derrubou o Império do Brazil tinha uma sensibilidade delicadissima. Um patife levava-o às vezes à emoção.

Diante do retrato, Deodoro sentiu-se profundamente agradecido e sinceramente revelou o seu estado de alma.

Dias depois o sujeito reaparece no Itamarati. Vinha á procura do chefe do governo para lhe pedir um emprêgo magnifico que naquele dia vagara.

—Mas êsse cargo depende de concurso, disse o presidente da República.

—Eu sei, respondeu o homem.

—Entre no concurso. Se tiver boas provas farei a sua nomeação.

O homem coçou a cabeça.

—V. Ex.^a não me pode nomear sem concurso?

—Ah! Não!

O sujeito tem um olhar significativo e diz com um sorriso:

—V. Ex.^a parece que não se recorda de mim. Eu sou a pessoa do retrato.

—Eu sei, eu sei!—exclamou Deodoro. O senhor vai receber o pagamento de que me esqueci.

—Tome.

O sujeito recusou enèrgicamente. Deodoro, enèrgicamente também, fê-lo aceitar. E ditou-lhe as seguintes palavras que o desgraçado foi obrigado a escrever: "Recebi do generalissimo Deodoro da Fonseca a quantia de 70\$00 de um retrato do mesmo ex.^{mo} senhor que lhe ofereci no dia 2 de Agosto findo, sem ser por encomenda.

Capital Federal, 8-11-1890.»

Havemos de concordar que o caso tem uma moral forte e duma oportunidade pere-

Um garoto americano engole uma navalha aberta

Um meúdo americano, de cinco anos de idade, natural de Los Angeles, entretinha-se a brincar com uma navalha. Levando-a á bôca, para abrir a lamina com os dentes, sentiu que lhe escorregava, garganta abaixo. O pequeno engulira a navalha aberta. Compreende-se o perigo que constituia o cortante instrumento, no estomago da creança.

Que fizeram os médicos para lhe salvar a vida?

RIDENDO

Entre militares.—Porque usas óculos?

—Porque sou míope.

—Então eu que sou sargento, que havia de usar se fôsse míope também?... Telescópios?...

Na escola.—O mestre: o menino tem á sua frente o norte, á sua direita o nascente, á esquerda o poente. E nas costas o que tem?

O aluno: um remendo. Eu bem dizia á mamã que se via.

montes do extenso concelho a comprar, mel, cêra, peles de coelho, *salvagina* (carne de veado e outras) ou *dubando roupas e calçado velho*.

Ambicioso, activo, diligente e, sobretudo, dotado de grande astucia, o judeu de tudo tirava partido.

Em suas mãos, as coisas mais insignificantes e de menor valia transformavam-se em ouro; e o ouro para o judeu era, então, como hoje, tudo.

Assim como tinha um bairro privativo, o judeu possuía também cemitério exclusivamente seu.

Chamava-se *almocóvar* e ficava sempre fóra das judearias.

Onde fosse o *almocóvar* dos judeus de Barcelos, é hoje impossível dizê-lo: nenhum vestígio de si deixou.

Tinham também o seu templo ou *Sinagoga*, onde celebravam as cerimónias da sua religião.

De documentos autênticos guardados no arquivo da Misericórdia d'esta vila, podemos averiguar que esta sinagoga ficava dentro da judearia, em uma casa do lado poente e pouco mais ou menos a meio da rua.

A sua fachada posterior ficava precisamente em frente do pequeno quintal ou cêrco do antigo hospital da Rua de Santa Maria.

* * *

Do que muito em resumo fica exposto, vê-se na verdade que o bairro constituído por aquelas ruas e largos foi, no século XV e seguintes, o mais populoso de toda a vila e o mais importante sob o ponto de vista do sua riqueza comercial.

E esta importancia quasi se deduz dos nomes que essas ruas tiveram antigamente.

D'aquí a conveniencia e necessidade de se não mudarem essas denominações, por mais absolutas e extravagantes que pareçam, pois são, como dissemos, um valioso subsídio para o estudo da história.

Eis porque a nossa Camara deliberou dar à actual *Rua de S. Francisco* o seu antigo nome de *Rua dos Mercadores*, e no *Largo da Camara* o de *Praça Municipal*.

E, se abriu uma excepção com relação à *Rua Infante D. Henrique*, não lhe restituindo a antiga denominação de *Rua dos Judeus*, foi isso devido ao muito respeito pelo nome muito illustre n'ela perpetuado, e ainda para não ter de arrostar com as iras dos moradores, que, sendo lídimos cristãos-velhos, não acceitariam de bom grado aquele injurioso epíteto, que menos caberia ao digno vereador substituto Sr. António José Gomes.

Fra Casti

(O Comercio de Barcelos de 16
: : de Fevereiro de 1902) : :

FAZENDO HISTORIA

— Estrada para a Franqueira —

TRAÇA DO PELA FREGUESIA DE PEREIRA

III

(Continuação do numero 49).

A actual mesa Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira empreendeu construir para a dita ermida uma ramal da estrada municipal n.º 5, de Barcelinhos a Rates, a cuja construcção já deu principio no dia 31 de dezembro próximo passado tendo para isso conseguido, não só que todos os proprietários da freguesia de Pereira, por onde esse ramal vai, cedessem gratuitamente os terrenos necessários e a coadjuvassem com seus serviços, mas ainda que a Ex.^{ma} Câmara Municipal mandasse para ali também fazerem serviço o Sr. condutor municipal e alguns cantoneiros.

Faltando-lhe, porém, os indispensáveis meios pecuniários, a mesma mesa nomeou-nos em comissão auxiliar afim de angariarmos donativos para ocorrer ás despesas com a construcção daquele ramal de estrada e com o aformoseamento do local da referida ermida.

Em tais circunstâncias, esta comissão, conscia da religiosidade e patriotismo de V. Ex.^a, tem a honra de rogar-lhe a distinta fineza de a coadjuvar com uma quantia que fór de sua vontade para assim melhor poder corresponder ao almejado fim, ficando todavia V. Ex.^a certo de que contribuirá para a realização

dum grandioso pensamento e importante melhoramento de valiosa utilidade.

Espera-se que se dignará atender a tão justo pedido, dando V. Ex.^a mais uma prova de que verdadeiramente ama a nossa terra e se interessa pelos seus melhoramentos.

Deus Guarda a V. Ex.^a

Barcelos, 25 de Janeiro de 1898

A COMISSÃO,

Presidente—Manuel Ludgero G. Alves Ramires.

Secretario—Luís Maria da Costa A. Ferraz.

Tesoureiro—Francisco Machado Carmona.

Vogais—Rodrigo de Sousa Azevedo.

Delfino Pereira Esteves.

José Alves de Faria.

Manuel A. Passos.

Domingos José da Silva.

Antonio Justiniano da Silva.

Guilherme Guimarães.

João Batista Maciel.

ESTRADA PARA A FRANQUEIRA

Subscrição aberta no estabelecimento
do Sr. Francisco Carmona:

	Transporte . . .	
António Fiusa		42550
Abel Fiusa		20500
Um anonimo		2550
Dr. Eduardo Salazar		10500
Dr. Miguel Pereira da Silva		2550
Domingos de Figueiredo		1500
Augusto Melo		1500
Joaquim Araujo		1500
António Fernandes Correia		1500
José António Martins		1500
Albino Leite		1500
António Gonçalves da Cruz		1500
José M. dos S. Ferreira		1500
José A. d'Oliveira Matos		1500
D. Custódia M. de S. e Silva		1500
Dr. António C. e Silva		550
Manuel José Ferreir		550
Francisco Vieira Veloso		1520
Manuel José Duarte		550
Inácio Pires Lavado		550
José Luís Pinto		550
Miguel José Duarte Fiusa		550
António Gomes do Rêgo		550
António G. Silva Fortuna		550
Augusto Louccasaux		550
Francisco Alves Simões		550
David Caravana		550
D. Teresa Batista e irmã		3500
Arnaldo Azevedo		550
José António Torres		1500
João Rodrigues de Faria		1550
Antonio A. A. Azevedo		1500
Avelino Ayres Duarte		550
Domingos José de Miranda		550
Manuel José A. R. da Cruz		1500
António José Gomes		510
Joaquim Martins		520
José M. Pais da Silva		520
João Caravana		520
João Silva		530
Dr. Manuel Ramires		2550
Adelino Maciel		510
Joaquim Santos		510
Francisco Veloso Barreto		2500
D. Maria José Mendanha		1500
José Ferreira Lemos		550
Um anonimo		520
Idem		520
	Soma	87522

(Continua.)